



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

O CONCEITO DE AXÉ E SUA CENTRALIDADE NA PRODUÇÃO ESPACIAL DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Pedro Teixeira Mendes Cabral¹

Resumo: Pensar a produção arquitetônica dentro do contexto do Candomblé, necessariamente evoca uma série de reflexões sobre a natureza destas espacialidades e a perspectiva de orientação filosófica e cultural destes grupos. Tanto o território que contém estes espaços quanto o espaço em si, possuem significações que transcendem uma perspectiva puramente materialista. Dentre os elementos que semantizam e conferem um caráter existencial sagrado a estas espacialidades, o axé se destaca enquanto principal vetor de sua estruturação. Neste sentido, o presente trabalho pretende discutir o papel do Axé enquanto elemento estruturante que orienta a existência destes grupos e, conseqüentemente, de sua produção arquitetônica. Para tanto, a partir dos resultados da pesquisa de mestrado realizada anteriormente, aliados à participação ativa junto à comunidade Omariô de Jurema e às revisões da literatura sobre o tema, pretendemos construir um panorama que explicita epistemologias próprias desta relação entre o axé e os espaços produzidos por estes grupos.

Palavras-Chave: candomblé; espacialidade; axé; arquitetura

Abstract: Thinking about architectural production within the context of Candomblé necessarily evokes a series of reflections on the nature of these spatialities and on the philosophical and cultural orientation of these groups. Both the territory that contains these spaces and the space itself bear meanings that transcend a purely materialist perspective. Among the elements that provide meaning and confer a sacred existential character to these spatialities, axé stands out as the main vector of their structuring. In this sense, the present work aims to discuss the role of axé as a structuring element that guides the existence of these groups and, consequently, their architectural production. To this end, based on the results of previous master's research, combined with active participation within the Omariô de Jurema community and a review of the literature on the subject, we intend to construct an overview that makes explicit the epistemologies inherent in the relationship between axé and the spaces produced by these groups.

Keywords: candomblé; spatiality; axé; architecture

¹ Doutorando em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/UFF
pedrotmcabral@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Introdução

O processo de escravização de africanos e seus descendentes para a colonização das Américas, deixou marcas profundas nas sociedades formadas a partir deste trágico episódio da história da humanidade. No contexto brasileiro, em que ao longo de quase quatro séculos teve seu desenvolvimento estruturado a partir da exploração da mão de obra escrava, foram criadas diferentes estruturas de resistência frente à opressão e às diferentes tentativas de apagamento da cultura do escravizado. Dentre estas estruturas, destacamos o papel fundamental do Candomblé enquanto um sistema cultural, filosófico e religioso que recriava um modo de vida próprio dos africanos em solo brasileiro e preservava, dentro de suas estruturas simbólicas, a história de seu povo, seus valores civilizatórios e sua cosmovisão. Este sistema surge enquanto uma estratégia de resistência ao projeto de extermínio cultural colonizador, que tentou apagar a memória dos africanos e impor, através de diversas formas de violência inferidas contra os escravizados, a cultura eurocêntrica cristã.

Neste sistema, as diferentes etnias forçosamente trazidas para o Brasil organizaram uma forma de culto singular, através de processos interculturais. Formado pela influência cultural destes grupos étnicos, o Candomblé cria em solo brasileiro uma releitura das tradições africanas, influenciadas pelas interações resultantes do processo diaspórico, como por exemplo, a aproximação com a cultura ameríndia e alguns aspectos da cultura do colonizador. Este processo dá origem a um sistema de culto que baseia suas dinâmicas na memória ancestral dos africanos escravizados, e que se organiza a partir do que se convencionou chamar de “nações”. As nações do Candomblé são segmentações que organizam suas tradições a partir da herança cultural dos grupos étnicos africanos do qual se originam. Vivaldo da Costa Lima (1974), a



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

partir de um retrato de suas pesquisas sobre os terreiros da Bahia, no que tange a sua organização étnica, política e ideológica, nos traz a seguinte definição de nação:

Nação passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia estes sim, fundado por africanos angolas, congos, jejes, nagôs, - sacerdotes iniciados de seus antigos cultos, que souberam dar aos grupos que formaram a norma dos ritos e o corpo doutrinário que se vêm transmitindo através dos tempos e a mudança nos tempos (LIMA, 1974, p.77)

As três principais nações que compõem o Candomblé são a nação Angola, que se estrutura a partir dos valores e tradições dos povos bantus; a nação Ketu, oriunda dos iorubás, e a nação Jeje, praticada pelos povos fon. Suas diferenças residem, fundamentalmente, na língua e na organização litúrgica.

Entre os elementos fundamentais na compreensão do Candomblé, o conceito de Axé pode ser entendido como o pilar estruturante deste sistema. A palavra, derivada do idioma Yorubá, possui correspondência nas três principais nações. Na nação Ketu é denominada Axé, para os povos bantu denomina-se Nguzu, entre os Jeje Acè. Porém, de uma maneira geral, as nações do Candomblé dividem o mesmo conceito e, dentro de suas especificidades, norteiam-se a partir dele. Neste sentido, pretendemos compreender de que modo este elemento estrutura e semantiza o espaço arquitetônico dos terreiros, investigando suas relações, suas dimensões existenciais e como este aspecto se materializa nas produções espaciais do povo-de-santo.

Para tanto, a partir da observação participante junto à comunidade Omariô de Jurema, e através da revisão da literatura existente sobre o tema, pretendemos abordar as relações observadas e discutir os principais conceitos e epistemologias próprias envolvidas nessa relação. Para a análise anunciada, utilizaremos exemplos emblemáticos que ilustram essa rede relacional e que se estabelecem na rotina das casas de Candomblé.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Desta maneira, acreditamos que a proposta contribui para uma expansão das compreensões sobre as subjetividades envolvidas na produção arquitetônica destas comunidades. Ao abordarmos as relações entre o axé e o espaço arquitetônico, contribuímos também para o adensamento das discussões sobre o espaço arquitetônico dos terreiros, tanto no campo da arquitetura quanto no campo dos estudos afro-brasileiros.

No contexto das abordagens desses espaços a partir de sua natureza patrimonial, as discussões que se propõem a expandir os conceitos e epistemologias envolvidos na produção espacial das comunidades de terreiro colaboram para a construção de um panorama de conhecimento mais robusto sobre esses grupos. Tal construção favorece abordagens mais efetivas, que dialoguem com a realidade dessas comunidades.

Para além, ao construirmos uma abordagem da questão junto à comunidade Omariô de Jurema, provocamos um olhar da academia para os Candomblés existentes no interior do Rio de Janeiro, que não possuem expressão dentro do contexto das pesquisas realizadas sobre o tema.

O conceito de axé

Ao nos aproximarmos dos elementos basilares na estruturação do Candomblé, percebemos a relevância do axé enquanto um vetor que dinamiza e propulsiona a existência das comunidades que se orientam a partir dele. Juana Elbein dos Santos, em sua obra "Os Nagô e a Morte", traz uma definição que revela a natureza deste elemento propulsor do culto:

É a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem àşę, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital. Como toda força, o àşę é transmissível; é conduzido por meios materiais e simbólicos e acumulável. É uma força que só pode ser adquirida pela



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

introjeção ou por contato. Pode ser transmitida a objetos ou a seres humanos. (...) Todo objeto, ser ou lugar consagrado só o é através da aquisição de àşę. Compreende-se assim que o "terreiro", todos os seus conteúdos materiais e seus iniciados, devem receber àşę, acumulá-lo, mantê-lo e desenvolvê-lo (SANTOS, 2017, p. 40).

Este elemento é a força motriz realizadora dentro de uma casa de Candomblé. Essa força é a principal determinante das dinâmicas do culto, em que tudo se realiza a partir de sua concepção. Desde os ritos mais simples até as iniciações e ritos fúnebres, o axé é o principal condutor. Tal elemento, dinâmico em sua essência, pode ser transmitido a objetos, pessoas e lugares. É a partir de sua ação que os lugares, os objetos e as pessoas iniciadas ganham um caráter existencial sagrado.

A comunidade se agrega a partir do axé, sendo este o elo fundamental entre os membros que se entendem em uma estrutura familiar. Por dividirem e compartilharem desta mesma força, todos os indivíduos iniciados em uma determinada comunidade dividem o mesmo axé fundador. O nascimento simbólico se dá a partir da mesma origem essencial. É tamanha a relevância destes vínculos criados pelo axé, que os membros se estruturam a partir de uma lógica familiar, com a figura de pais, filhos, irmãos, avós, etc.

É a partir dele que se criam as relações de poder e as estruturas hierárquicas dentro da religião. Quanto mais processos de acumulação de axé um iniciado tiver passado – as chamadas obrigações – maior sua ascensão na estrutura hierárquica e maior o seu poder dentro desta estrutura. As funções reservadas a determinados cargos, são relacionadas a uma variação deste movimento. Existem cargos responsáveis pela execução das comidas votivas, cargos para a imolação dos animais e posterior sacralização deste alimento, cargos para os responsáveis pelo toque dos instrumentos litúrgicos, enfim, sempre se relacionando a uma das dinâmicas envolvidas nesse movimento.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

São os processos envolvidos em sua manutenção que estruturam os ritos que compõem as diferentes liturgias de uma casa de Candomblé. O propósito, ao fim, sempre se relaciona e se justifica a partir da movimentação dessa força dinamizadora. Sem a presença deste elemento, os ritos não teriam um porquê de existir. Sendo assim, a busca maior e a intenção final dos ritos relacionam-se diretamente com os processos de manutenção, acumulação e transmissão de axé.

O axé exerce, inclusive, um papel de coesão entre outros elementos basilares do culto, como a ancestralidade, a memória, a perspectiva familiar, o culto à natureza, etc. Ao fim, a existência do grupo só se torna possível, em seu aspecto mais transcendente, a partir da ação deste elemento.

Pensando na perspectiva das relações entre a força propulsora dos cultos e a memória ancestral, por exemplo, percebemos que as práticas que a mantêm viva são sempre estruturadas pela lógica do axé. As cantigas entoadas, as danças, as comidas são exemplos de elementos rituais que permitem a movimentação desta força propulsora. Estes ritos, por sua reprodução no presente, evocam as práticas ancestrais e mantêm os valores e costumes africanos vivos entre as comunidades do Candomblé.

Ainda ilustrando seu papel enquanto elo de coesão, pensemos sobre o papel da oralidade e suas relações com o axé. A transmissão dos saberes a partir da oralidade envolve a criação de um sistema de comunicação em que um indivíduo com maior vivência transmite através da fala os conhecimentos a outro indivíduo menos experiente. Este processo, que se constitui enquanto principal responsável pela transmissão da tradição do Candomblé, é também uma experiência de veiculação dessa força vital. A partir da vivência experimentada por cada membro do grupo, através da força realizadora contida na fala, sua experiência é transmitida e compartilhada, possibilitando que o mais novo seja também seu propulsor e transmissor. Neste processo, mais uma vez, o axé surge



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

enquanto elemento que agrega os diferentes componentes do culto e confere um sentido para sua existência.

A própria relação deste sistema de culto com a natureza se revela a partir desta perspectiva de uma força dinâmica. Em sua essência, o Candomblé possui nos elementos da natureza suas fontes primordiais de axé. As águas, as folhas, os animais, os minerais, enfim, são estes elementos que viabilizam a execução dos ritos. As divindades, em algumas tradições, são exatamente representadas pelas forças da natureza.

Tal relação justifica a perspectiva preservacionista existente entre os Povos Tradicionais de Matriz Africana, pois a essência de sua força existencial reside justamente na natureza. Neste sentido, o fluxo dessa força permite, inclusive, uma expansão do território dessas comunidades para muito além dos muros. Uma mata, um rio, uma cachoeira, por exemplo, são também territórios sagrados das Comunidades Tradicionais de Matriz Africana.

Resta-nos, portanto, compreender o modo pelo qual este vetor atua também na estruturação dos espaços dos terreiros e, conseqüentemente, em sua produção arquitetônica. Nesse sentido, precisamos primeiramente conceituar o espaço dentro desse contexto e a própria arquitetura, entendida aqui como uma forma de expressão própria destes grupos.

A arquitetura no contexto do povo-de-santo

Ao promovermos uma discussão sobre a produção arquitetônica pelo povo-de-santo, primeiramente precisamos definir seu elemento constitutivo: o espaço. Diferentes teóricos em variadas áreas do conhecimento trabalharam conceituações diversas sobre sua natureza. No campo da teoria da arquitetura, variadas concepções sobre a matéria prima da arquitetura emergiram entre os teóricos. Entretanto, no recorte deste trabalho, abordaremos o espaço a partir de



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

uma perspectiva fenomenológica do lugar, baseando-nos nas proposições de Fábio Velame, em sua obra "Arquiteturas Crioulas".

As relações entre o homem e o espaço que habita, a partir de seus ordenamentos simbólicos e suas dinâmicas existenciais, o estabelece em uma condição para além de uma simples delimitação enquanto ponto geográfico. O primeiro aspecto fundamental para compreensão desta perspectiva, parte da percepção do lugar enquanto espaço habitado. É o habitar humano que significa o espaço, atribuindo-lhe especificidades. A partir de seu sistema simbólico ergue lugares próprios, dotados de significações que transcendem seu aspecto puramente material. Neste sentido, "o lugar é, portanto, espaço ocupado, ou seja, habitado". (VELAME, 2022, p.39).

São as relações criadas entre o estabelecimento humano em um determinado espaço que determinam as dinâmicas do lugar instaurado. Sodré faz uma colocação interessante sobre as relações entre o espaço e o habitar, no trecho entendido como o ato de morar:

Espaço aparece aí como o resultado do morar. Morar, por sua vez, não se define como mero efeito de um fazer comunitário, mas como algo que indica a própria identidade do grupo. O que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios. (SODRÉ, 2019, p.24)

Portanto, o que qualifica o espaço é justamente as relações socioculturais criadas pelo homem e este espaço habitado. Neste sentido, as experiências e vivências estabelecem lugares que se constituem enquanto elemento identitário de um grupo. "A vida e a experiência no cotidiano acontecem em espaços, tornando-os lugares e diferenciando-os qualitativamente e expressivamente". (VELAME, 2022, p.38).

Em suas proposições, Velame revela as relações existentes entre o espaço e o lugar e os atributos que o compõem, em que aponta para uma conceituação fundamental para as discussões seguintes deste trabalho:



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

O lugar temporaliza o espaço, torna o tempo visível, desvela o tempo no espaço através da vivência no cotidiano e enquanto lembranças pertencentes à memória. Temporalidades da presença do ser-no-mundo que possibilitam a atribuição de valor, significado e simbolismo ao espaço edificando um lugar. Logo, o lugar é composto por quatro atributos provenientes das experiências vividas: tempo, memória, simbolismo e valor (VELAME, 2022, p.39).

A partir da compreensão dos lugares enquanto espaços habitados, partimos agora em busca da apreensão da arquitetura dentro da perspectiva das comunidades de terreiro. Através da lógica dos lugares, nos baseamos no conceito de Norberg-Schulz, adotado por Fábio Velame, em que "(...) a arquitetura pode ser definida como a produção de lugares". (SCHULZ, 1981, p. 64 apud VELAME, 2022, p.39)

Nesta conceituação, a arquitetura surge como o produto materializado deste habitar, que constrói e produz lugares dotados de um sentido próprio. Em nossa proposta, consideramos os lugares enquanto os verdadeiros produtos arquitetônicos, pois é a partir do habitar que eles revelam traços e particularidades de uma determinada cultura.

Ao aproximarmos o conceito de arquitetura, enquanto produção de lugares, do recorte dos terreiros de Candomblé, podemos perceber particularidades que tornam estas arquiteturas singulares e dotadas de especificidades. Tal fato torna necessário um olhar e uma compreensão específica sobre elas. Velame, em sua obra "Arquiteturas Crioulas", traz uma conceituação para os terreiros de Candomblé de Cachoeira e de São Félix, objetos de seu trabalho, que se aplica diretamente à perspectiva adotada nesta pesquisa:

As arquiteturas dos terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix são uma criação afro-brasileira com lugares e dimensões simbólicas próprias, que se edificam a partir das temporalidades dos usos sagrados, festas, rituais e dimensões simbólicas particulares, que transforma espaço em lugares, possibilitando outras percepções. Arquiteturas que se definem não em sua fisicidade, materialidade, pelas técnicas construtivas, materiais empregados,



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

espaços funcionais utilitários, formas referenciais, modelos, ou formas tipológicas, mas sim pelas festividades, rituais e símbolos que edificam lugares próprios (VELAME, 2022, p.34).

Neste sentido, podemos perceber a existência de uma concepção espacial própria do povo-de-santo, e, conseqüentemente, de uma arquitetura também singular. Uma arquitetura que não se orienta a partir dos preceitos tradicionalistas da cultura hegemônica. Uma arquitetura que não reduz sua valoração somente a sua materialidade, mas sim em sua condição enquanto elemento fundamental na preservação das tradições dos africanos e seus descendentes dentro destes territórios. Uma arquitetura que se estabelece enquanto veículo de axé e que também se determina a partir deste papel.

A estruturação do espaço a partir do axé

Ao pensarmos nessa produção de lugares próprios pelo povo-de-santo a partir da dinâmica do axé, percebemos que sua concepção extravasa o aspecto material do lugar. Neste sentido, os lugares do terreiro possuem concepções para além de sua materialidade, instituindo-se enquanto lugares sagrados que conectam o plano material com o plano existencial das divindades.

Esta condição somente é permitida a partir da manutenção do axé nestes espaços, que se instituem, então, enquanto receptáculos do sagrado. Portanto, percebemos que "o aspecto da habitação - Terreiro de Candomblé - é, contudo, o cuidado com o templo que se dá não somente pelo zelo da materialidade dos espaços, mas principalmente pelo resguardo do axé". (VELAME, 2022, p.40)

Uma das características fundamentais destas arquiteturas está em sua essência dinâmica. Se pensamos estes espaços a partir de sua vinculação com o axé, tal característica se evidencia. Estes espaços, ao longo de sua constituição, passam por expansões, ressignificações, mutações e até mesmo extinções. Estes movimentos são determinados pela força ativa orientadora da comunidade. "É o



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

fluxo de axé que imprime movimento ao espaço, que dinamiza o espaço-movimento e impulsiona o tempo espiralado. Assim, as transformações são fundamentais para a permanência do axé". (VELAME, 2022, p.63)

Ao considerarmos as kubatas, por exemplo, e sua condição enquanto lugar que recebe os assentos das divindades de cada membro da casa, e ao considerarmos também os movimentos de expansão da família de santo, percebemos que em um dado momento estes espaços precisam se expandir para dar vazão ao número crescente de assentamentos. Em outra exemplificação, ao se iniciar uma determinada divindade dentro de uma comunidade, que até então não habitava ainda aquele território, pode se fazer necessária a criação de um novo lugar com novos sistemas simbólicos para receber aquela representação sacra.

É este caráter fluido, regido pelas dinâmicas de nguzo e pelos ciclos temporais, que possibilita que a arquitetura destes lugares se mantenha enquanto suporte dos ritos e liturgia. Neste sentido, Velame aponta para uma condição destes espaços, que "transformam-se para permanecer, para conservar uma maneira de estar no mundo, à tradição de grupos socioculturais, o povo-de-santo do Candomblé, no seio da sociedade mais ampla, que têm no sistema dinâmico do axé o sentido da sua existência". (VELAME, 2022, p.63)

As relações construídas no processo de semantização do espaço pelo povo-de-santo, são ordenadas pela lógica da manutenção do axé. Os lugares estabelecem suas particularidades, a partir de seu papel dentro dessa dinâmica de circulação da força dinâmica. "O habitar para o povo-de-santo é fundar, erigir e cuidar de lugares sagrados-moradas de mortais, divindades, imortais e entidades que possuem no axé a sua maneira particular de habitar - o sistema dinâmico do axé instaura um habitar". (VELAME, 2022, p.40)

Ao pensarmos na própria constituição de um terreiro enquanto espaço sacralizado, percebemos o papel ativo da força do axé. Essa força, que se



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

condensa também nos espaços, os eleva à condição de lugares sagrados impregnados por sua ação. Dentro desta concepção, os lugares de um terreiro de Candomblé somente passam a ser determinados a partir da atuação deste elemento.

Entendemos, portanto, que o espaço de um terreiro de Candomblé só passa a se constituir enquanto local sagrado após a instalação dessa força em seu território. O axé plantado - modo pelo qual os candomblecistas identificam a inserção destes elementos em um determinado lugar - passa a atribuir sentido e significado próprio ao território. Sodré (2019), no traz um apontamento para a relevância deste elemento na dinâmica enunciada:

Compreende-se assim por que o axé é o elemento mais importante do patrimônio simbólico preservado e transmitido pelo grupo litúrgico de terreiro no Brasil. Axé é algo que literalmente se "planta" (graças a suas representações materiais) num lugar, para ser depois acumulado, desenvolvido e transmitido. Esse axé plantado nos assentamentos dos orixás, dos ancestrais e no interior (inu) de cada membro (SODRÉ, 2019, p. 92).

Esta força dinâmica que é plantada no terreiro, passa a se constituir enquanto a fonte principal de estruturação do lugar e dos indivíduos membros daquela comunidade. Entendido enquanto axé primordial, é a partir dele que a comunidade se organiza e se relaciona. Velame (2022) estabelece uma estrutura de relações da seguinte maneira:

O axé plantado no terreiro de Candomblé é distribuído entre seus espaços, nos elementos naturais, construídos, nas coisas e objetos e em todos os membros do terreiro, criando-se uma corrente de axé. O axé da casa é plantado, alimentado, potencializado, desenvolvido, transmitido, distribuído e, como toda energia, pode aumentar ou diminuir se não for restituída por seus membros e pelo rigor dos rituais e obrigações (VELAME, 2022, p.65).



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Desta maneira, podemos destacar a característica fundamental destas arquiteturas. Sua relevância maior reside na sua condição enquanto suporte para o sistema dinâmico do axé. Ela se ergue a partir da condição de detentora de toda liturgia e das práticas culturais das comunidades de Candomblé, enquanto invólucros de um bem maior que não se resume, ou se limita, em seus aspectos construtivos. Até mesmo sua fisicidade surge enquanto reflexo das relações instituídas por sua lógica. Determinados materiais, determinadas cores, configurações espaciais, se justificam a partir da atribuição daquele lugar dentro de um sistema litúrgico regido pela força dinâmica do axé.

Esta característica revela uma das origens da dificuldade existente em suas tratativas dentro da perspectiva do patrimônio. A partir desta concepção de lugares com semânticas próprias e que se estabelece enquanto suporte da imaterialidade que ali se processa, não é possível enquadrá-lo, a partir de uma perspectiva dicotômica entre patrimônio material e imaterial. Os dois aspectos se fundem em uma relação simbiótica, pois na concepção destas comunidades não há a separação entre estes dois aspectos. Novamente, suas configurações, seus elementos simbólicos, aspectos de sua materialidade, se orientam, a partir da sistematização dos ritos, que está inserido no movimento dinâmico do axé.

Neste sentido, torna-se evidente que a compreensão da espacialidade dos terreiros de Candomblé a partir da centralidade do axé revela não apenas os fundamentos que estruturam esses lugares, mas também as relações que sustentam sua dinâmica de permanência e transformação. Essa perspectiva nos conduz à necessidade de refletir sobre as implicações desse entendimento para a leitura da produção espacial dessas comunidades, questão que será retomada e aprofundada adiante.

Considerações finais



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Após a exposição das relações propostas, percebemos o papel fundamental do axé na estruturação do espaço arquitetônico dos terreiros, inclusive na preservação da tradição de uma maneira geral, pois é através dele que todos os ritos se sistematizam. As comunidades se desenvolvem e se orientam a partir dele, encontrando ali a essência primordial de todas as práticas envolvidas nesta cultura. Sendo este o elemento estruturador de toda ritualística e, conseqüentemente, ordenador de todas as práticas envolvidas, podemos dizer que ele é o caminho pelo qual a espacialidade e sua arquitetura se organizam e se estruturam.

A partir da compreensão do conceito de axé em si, da natureza do espaço dos terreiros e das relações criadas entre estes elementos, conseguimos perceber que o axé é o elemento que estrutura a arquitetura dos terreiros e sua própria produção. É a partir de sua ação que os ritos se justificam, e sendo este espaço um espaço ritualizado, conseqüente do habitar sagrado do povo-de-santo, sua própria existência surge em conseqüência da movimentação dessa força. Sem o axé essa arquitetura seria desprovida de sua característica fundamental, que é justamente em se colocar enquanto suporte de materialização do sagrado. É somente após a sedimentação do axé no território que essa espacialidade passa a ser considerada enquanto tradução de um caráter sagrado, ou ainda enquanto um veículo de conexão e materialização entre o homem e o divino.

Desta maneira, torna-se claro o papel deste agente na estruturação e organização de todo o sistema de culto do Candomblé e, conseqüentemente, em sua manutenção espacial. As comunidades se orientam e se mantêm coesas a partir desta lógica, que determina sua existência, de suas tradições e de seus territórios. Portanto, a arquitetura de um terreiro de Candomblé e a própria produção espacial do povo-de-santo pode ser compreendida enquanto conseqüência da agência do axé nestes territórios, dotando-os de significados



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

transcendentes e os elevando à condição de suporte de materialização do sagrado junto às comunidades que se orientam a partir de sua agência.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que o axé não se limita a um princípio abstrato, mas a um conceito que se manifesta concretamente nas práticas dos grupos em questão. Ele está presente tanto nos lugares, símbolos e nos objetos rituais, quanto nos movimentos da comunidade que dão vida ao espaço. Essa dimensão prática e experiencial evidencia que a espacialidade dos terreiros não pode ser dissociada das ações que nela se inscrevem, sendo constantemente renovada e atualizada pela vivência ritual. Assim, a arquitetura do terreiro se apresenta como suporte, mas também como parte ativa de um processo dinâmico de atualização do axé.

Outro ponto relevante diz respeito ao caráter coletivo dessa construção. O axé, ao organizar a espacialidade, estabelece também uma rede de relações comunitárias que sustentam a existência dos terreiros. A produção do espaço não é, portanto, somente um reflexo da agência do axé, mas também um resultado dessas interações entre indivíduos que, ao partilharem dessa força, dão forma e continuidade ao espaço.

Por fim, compreender o axé como princípio estruturador da espacialidade nos terreiros de Candomblé significa reconhecer a centralidade de uma epistemologia própria, que transcende os paradigmas ocidentais de leitura da arquitetura e do espaço. O terreiro, enquanto território sagrado, não pode ser analisado apenas sob critérios formais ou funcionais. Sua análise exige uma abordagem que considere sua profundidade simbólica, filosófica e ontológica.

Referências:



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

LIMA, Vivaldo da Costa. *O conceito de Nação nos candomblés da Bahia.* Afro-Ásia, Salvador, n. 12, 1976

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pade, asese e o culto de egum na Bahia.* 14ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira.* 3ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

VELAME, Fábio Macêdo. *Arquiteturas crioulas: os terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix.* 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2022.

VELAME, Fábio Macêdo. *Arquiteturas da ancestralidade afro-brasileira: O Omo Ilê Agboulá: um templo do culto aos Egum no Brasil.* 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2019.